

O CENACULO

SUMMULA :

	PAG. :
I DR. TRAJANO DOS REIS, por Silveira Netto	91
II A CRUZ, por Leoncio Correia.	93
III INEXPRIMIVEL !, por Emiliano Pernetta	94
IV A EVOLUÇÃO, pelo Dr. Carvalho de Mendonça	95
V TRISTESSES, por J. Keating	100
VI ALMA PENITENTE, por Dario Vellozo	101
VII LES JOUEURS, por Jean Itiberé.	107
VIII O PROGRESSO DAS EDADES, de Romario Martins	108
IX MISSA NEGRA, por Silveira Netto	114
X GALERIA PARANAENSE, por Leoncio Correia	114
XI FESTAS E TRADIÇÕES, por Julio Pernetta	117
XII LETHARGIA DE UM SONHO, por Antonio Braga	120
XIII RESPIGAS	122

Julho de 1895

—
Paraná-Coritiba

O CENACULO



Dr. Trajano dos Reis

Emmeline de Almeida
Coritiba, 15 de Julho de 1895

DR. TRAJANO DOS REIS

Não vamos biographar, nem estudar a vida laboriosa, e fecunda em beneficios, do illustre facultativo bahiano que fez do Paraná o segundo berço idolatrado de seos nobres affectos de cidadão, de medico e de chefe de familia.

Alem da deficiencia de necessarios dados a respeito do Dr. Trajano dos Reis, a urgencia e accumulção de trabalho nos obriga a fazer em ligeiros traços incompletos o perfil do sympathico discipulo de Hippocrates, a quem o CENACULO presta a homenagem devida áquelles que medem o justo patrimonio de seos direitos na sociedade pela rispida grandeza de seos deveres para com ella.

Publicando o retrato do Dr. Trajano dos Reis, accentuamos a inabalavel severidade do nosso culto pelo trabalho e pelo character.

Nasceo o Dr. Trajano Joaquim dos Reis a 4.º de Março de 1852, na Bahia ; são seos progenitores o honrado cidadão portuguez Joaquim José dos Reis e a Exma. Sra. D. Emilia Joaquina Pereira.

Formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia, recebendo o grao de Doutor a 18 de Dezembro de 1875, dia em que completou a sua existencia e a elevada satisfação de haver chegado ao termo bemdito de seos labores academicos, consorciando-se com a Exma. Sra. D. Josephina Candida Durmond.

Sagrara na mesma festa, opulenta de aspirações e nobreza, o esforço do cerebro e a alleluia do coração.

Em Julho de 1876 chegava a Coritiba o novo operario da Medicina e, desde então, aureolando o seo apostolado grandioso e arduo com o trabalho incessante e proficuo, e o continuo estudo da sciencia que abraçara, o Dr. Trajano se tem cercado da gratidão e das sympathias paranaenses.

O povo, na rude sinceridade simples que o caracteriza, tem a alma purissima aberta sempre aos sentimentos extraordinarios que formam a essencia da bondade humana, e nessa pia

immacula, onde a miseria e a dor se transformam no doloroso conforto da resignação, nem sequer a sombra do olvido empana a minima recordação branca das religiosas dedicações que alguém lhe patenteia, e o nome do Dr. Trajano é d'esses que o povo paranaense lembra com o respeito do crente abrindo um Missal.

Não é só no desvello que emprega na missão do seo apostolado, na intelligencia com que sabe honrar o seo anel symbolico, nem no extremoso carinho que o enfermo pobre encontra n'elle, que o devotado medico evidencia as apreciaveis qualidades que firmam a sua reputação ; pois, os magnos interesses geraes do logar aonde vive e da sociedade que o rodeia têm, por vezes, achado em sua energia de character e na pureza de seus sentimentos o fidalgo abrigo dos missionarios da Ordem e do Direito; assim é que, elevado á Assembléa Provincial como delegado do povo no Paraná e á presidencia da Camara Municipal de Curitiba, no periodo monarchico, assignalou a sua estada no exercicio d'esses cargos com o mais correcto procedimento que pode ter o homem compenetrado de seo valor e da austera rectidão da dignidade.

Estudos extranhos á carreira que tomou para linha recta da existencia, como Linguistica, Direito, etc, constituem o passatempo do operoso clinico bahiano.

A 5 de Fevereiro de 1893 retirou-se o Dr. Trajano dos Reis para o seo Estado Natal, e teve occasião de ver, no dia da partida, a manifestação desinteressada e altamente significativa do povo paranaense, rendendo o sagrado tributo de estima agradecida ao profissional honrado e caritativo que, durante longo tempo, tão saliente e proveitoso papel desempenhara na classe a que pertence, e na sociedade do Paraná.

Apóz um anno de ausencia voltou ao seio da pequena patria aonde gastara a mocidade e aonde amigos e apreciadores de novo demonstraram o quanto é indelevel a recordação de um nome feito na celebração do Trabalho e da Honra.

Orgulham-lhe o lar trez filhos que correspondem condignamente aos esforços e devotamento do distincto cidadão.

Publicou ultimamente um livro sobre Hygiene social, no intuito de divulgar entre o povo esse poderoso elemento de vida, de prosperidade, de economia publica e particular, como diz no seo prefacio ; revertendo o producto da venda em favor da Assistencia aos necessitados, instituição de caridade que é o mais bello padrão de philantropia que ennobrece a congregação espirita do Paraná.

SILVEIRA NETTO.

A CRUZ

(A Dario Vellozo, Julio Pernetta, Silveira Netto e Antonio Braga)

Sacerdotes ! a cruz do moderno Calvario
Guarda, como um hostiario,
A hostia espiritual dos Obreiros da Luz !
Como é bello esse esforço !
Enche toda a montanha e crava-lhe no dorso
Como um sol, a brilhar, o canto de uma cruz !

A cruz encerra em si todo o amplo soffrimento,
Todo o intimo tormento
Que mina pouco a pouco um pobre coração,
Que ferido de dôr e morto de saudades,
Agita-se entre as grades
De uma estreita prisão !

A cruz é a historia eterna
Do supplicio immortal que as gerações consterna
E as almas, simples, enche, inunda de pavor !
E' o grito amargurado
De um peito desgraçado
Chorando, mas em vão ! seo desditoso amor !

Mas, a cruz é tambem o hymno da victoria
Soprado pela Gloria,
Que levanta os Heróes e os Poetas pela mão !
Dominando os espaços
Ella guarda, a fulgir, nos extremos dos braços
Os pólos immortaes da Crença e da Razão !...

Emprestastes-lhe a dôr e déstes-lhe a caveira,
—Filha do ultimo riso e da canção primeira
Que o pranto fez nascer,
E que vive a chorar eternamente a sorte
De chamar pela Morte,
E da Morte fugir pr'a não vel-a morrer !

Mas déstes-lhe tambem o grito da loucura,
O brilho que fulgura
No immenso resplendor de um trabalho genial !
Collocastes-lhe em cima
O diadema da Rima
E puzestes-lhe em frente a Mesquita do Ideal !

Sublime Religião, essa que vós fizestes
Com as tintas celestes
De lagrimas de Santa e risos de Mulher !

Sacerdotes ! em meio a estes tempos bastardos,
—Hosannas pelos Bardos
Que ainda sabem chorar e ainda sabem soffrer !...

LEONCIO CORREIA.

INEXPRIMIVEL !

Nesse bravo rumôr do oceano indefinido
Quando bate e regouga e brame extranhamente,
Ha não sei que de grito e de raiva impotente,
Um soluço immortal, um extranho rugido...

Ha um mysterio qualquer nesse peito fremente,
Uma revelação de um segredo perdido
No passado, e que tu, ó propheta esquecido !
Andas a revelar bramindo eternamente...

Eu que vivo tambem preso aos grilhões do verso,
Na tormenta febril das paixões do Universo,
Sem nunca as traduzir, nem n'as balbuciar...

Como eu comprehendo e sinto esse delirio extremo,
A revolta, a impotencia, o vozeirão supremo,
—A lingoagem confusa e rouquenha do mar !

EMILIANO PERNETTA.

A EVOLUÇÃO

Das Artes nos tempos Modernos

(Trecho de uma obra sobre a philosophia da Historia da Arte)

(CAP. III)

.

A segunda phase do XVI ao XVIII seculos, é a decomposição systematica, propria somente ao norte da Europa. O norte tornou-se o centro deste movimento, porque o papado transformando-se em um governo puramente italiano, começou a exercer maior pressão alli, emquanto que a nacionalisação do clero no sul conseguiu neutralisá-lo. D'ahi resultou que o norte ficou o depositario das tendencias progressivas, emquanto que o sul manteve a ordem conservando o catholicismo, ao menos nominalmente, e proclamando a necessidade de uma prompta regeneração mental.

Esta phase se subdivide em duas, das quaes uma é caracterizada pelo triumpho do gallicanismo e anglicanismo, terminando-se com a decadencia da realza franceza que coincide com o triumpho da aristocracia ingleza no seculo XVII. Essa primeira phase, que começa em 1500 e se termina em 1688, é a *protestante*.

A outra phase do negativismo systematico no seculo XVIII (1688 a 1789) denomina-se *deista* e conduz á Revolução Franceza.

A' medida que a fé catholica se dissolvia, o ponto de vista de conjuncto e o sentimento de dever desapparecem gradualmente, o egoismo surge e a moral, mesmo pessoal, se altera sob a anarchia que por sua vez proclama o odio systematico á idade media.

O governo torna-se puramente material, dissipando toda distincção dos dous poderes.

Luthero alterou a disciplina abolindo o celibato clerical e a confissão. Foi esta a forma politica do protestantismo. Depois d'elle, Calvino produziu a fórma mais normal da reforma · dissolveo a hyerarchia que mantinha a unidade no catholicismo. Ambos elles trouxeram modificações muito insignificantes ao dogma, quando adveio Socino com sua forma antitrinitaria, que veio atacar directamente o dogma catholico.

Os tres reformadores cada um de persi destruia o *systhema catholico*. Uns, porem, ligavam-se mais que outros a uma parte determinada d'elle como condição mesmo de chamarem a attenção para sua obra respectiva.

O protestantismo, porem, desmoralisou a familia com o divorcio. Essa desorganisação inspirou a S. Ignacio de Loyola, no seculo XVI, a brilhante tentativa de rehabilitação do poder espirital, fundada no culto da Virgem, para substituir o papado nacionalisado.

O jesuitismo, porem, nada poudo conseguir e degenerou-se depois no *systema* de resistencia hypocrita que tornou-se proverbial. Foi elle a ultima forma definitiva de monotheismo occidental, cujas phases podem ser hoje bem determinadas pelas denominações de *catholicismo*, *papismo* e *jesuitismo*.

O protestantismo, sobretudo a forma presbyteriana, secundou a aristocracia, emquanto que o catholicismo favoreceo a realza. Data dessa epoca o advento do poder ministerial e da diplomacia, provindos da alteração que a propria realza soffreo depois de seo triumpho decisivo.

Os legistas começaram a retrogradar por causa de suas pretenções politicas, emquanto os metaphisicos se achavam reduzidos a servirem de órgãos da resistencia contra o jesuitismo e das heresias.

No terreno scientifico, esse periodo apresenta a descoberta do duplo movimento da terra, que teria sido proclamado na Grecia se elle não fosse incompativel com a forma theologica. A preparação que exigia esse principio era, pois, exclusivamente social ; pois que scientificamente elle só exigia observações vulgarissimas do movimento rectelino e da coexistencia dos movimentos parciaes de um *systema*.

D'ahi data a regeneração da astronomia.

D'esse principio decorreo a constituição da geometria celeste por Kepler, a da mecanica celeste por Newton e a mecanica racional pelo proprio Galileo.

Completo assim o par mathematico-astronomico, adveio a physica destinada a ligal-o ao dominio chimico.

Ao impulso dado pela descoberta do duplo movimento terrestre se prende a fundação da geometria geral por Descartes e do calculo indifinitesimal—Obra de Leibnitz—que completou a generalisação cartesiana.

A revolução astronomica, pois, foi n'essa epoca da evolução, como em todas as outras, ao mesmo tempo resultado e fonte de grandes transformações.

A synthese objectiva tornou-se impossivel com a tentativa de Descartes e Hobbes, sob o impulso de Bacon, tentou a synthese social para a qual concorrerão Leibnitz e Bossuet.

N'esse periodo ficou, portanto, dissolvida a constituição theorica da phase expontanea.

A phase de decomposição expontanea alem de ter coopera-do estheticamente para conter os resultados da anarchia, servio tambem para transmittir ao movimento de decomposição systematica o impulso poetico da idade media.

Esse impulso foi tal que toda a Europa participou d'elle. Elle partio da cultura da lingua classica na epoca precedente e, não só abraçou a poesia, como se estendeo a todas as artes, embora em grãos diversos. A poesia tomou maior desenvolvimento ; depois a esculptura e a architectura. A pintura e sobretudo a musica tiveram uma evolução muito mais tardia, não sómente por dependerem do desenvolvimento da poesia, como porque sua evolução tinha um caracter mais original.

Para o conjuncto deste movimento concorreram muito as duas composições characteristics da primeira phase, que, resumindo toda a idade média, serviram de fonte de inspiração e inauguraram o moderno movimento esthetico.

Se bem que o estado de demolição metaphisica não fosse em si um terreno fecundo em idéas, todavia o passado já offercia comparações muito dignas para servirem de base a typos de vida publica. Esses typos deviam então servir para idealisar a existencia racional e pacifica em que entrava o occidente. A vida privada, por sua vez, offereceo modelos seos proprios ou tirados da idade media, a despeito da doutrina protestante que perturbava as relações domesticas e odiava a civilisação catholico-feudal.

Todas essas resistencias que se oppunham ás artes nos dão a medida da energia propria ás nossas faculdades estheticas.

A pura negação, que tendia á completa desmoralisação dos costumes pela annullação do sentimento do dever, a quebra da continuidade historica, que conduzia ao odio systematico dos antepassados mais proximos,—nada d'isso poude embotar ou desviar o movimento poetico, que então mais do que nunca adquirio um ascendente extraordinario.

Mais favorecida do que a sciencia, porque sendo mais simples e mais geral podia attrahir com facilidade as sympathias populares, e por isso que não contrariava principios estabelecidos com principios novos, a arte encontrou nos reis e nos papas um estimulo constante.

A industria e a sciencia participaram, e menor gráo, d'essa geral protecção ; mas a que obtiveram as artes, excedeo a tudo quanto havia em favor dos outros elementos de progresso. Basta considerar-se que a protecção dos papas em favor da sciencia era nimiamente contradictoria e visava sempre a consideração publica que ella lhes offerecia.

Ao passo que a protecção em favor das artes foi muitas vezes ditada pelas inclinações privadas dos soberanos, como se deo no começo da phase que analysámos com Francisco I, e no fim com Luiz XIV—, aliás mediocres, mentalmente consideradas.

Ora, uma tal protecção, quando não produzisse resultados especiaes, revelava sem contestação o começo da influencia social das bellas artes.

Os dous modos de concentração temporal concorreram muito diversamente na evolução esthetica. A dictadura monarchica e catholica foi muito mais favoravel ás artes do que a aristocratica e protestante.

Attribue-se geralmente a influencia d'esta ultima forma a respeito da arte á abolição do culto catholico.

Entretanto esse motivo, puramente espiritual, influio muito menos para tal resultado que o motivo politico.

Com effeito, a dispersão propria á aristocracia deixou sempre as artes entregues á protecção privada e o protestantismo por seo lado entrou sempre a educação esthetica pelo odio contra a edade media que deo-lhe origem.

Hade ser sempre uma eterna verdade o poder esthetico do catholicismo, que Schiller (*Maria Stuart*) faz salientar como motivo de conversão de seo personagem protestante.

A monarchia, pelo contrario, favorecia a assimilação social do movimento esthetico. Sua acção toda central, homogenea,

completa e elevada, podia por seo ascendente só incorporar o movimento esthetico á politica moderna.

Assim, emquanto em França, no tempo de Richelieu e de Luiz XIV, fundavam-se academias poeticas e artisticas, na Inglaterra um Schakspeare e um Milton só poderam florescer quando Izabel e Cromwell triumphavam, embora passageiramente, da aristocracia.

E' verdade que o meio desfavoravel d'este ultimo caso garantia aos typos poeticos que conseguiam vencer as resistencias uma originalidade incomparavelmente superior a quaesquer outros.

No modo monarchico, animações malcabidas ou excessivas affectavam a originalidade poetica.

A tragedia, que é a composição propria á vida publica, vem demonstrar essa differença poetica, conforme o modo de dictadura que prevaleceo—Schakspeare, por exemplo, deixou de idealisar a antiguidade para idealisar a epoca feudal. Com effeito, a fraqueza real na idade media, como a da aristocracia na antiguidade, deviam repugnar respectivamente a realeza franceza e a nobreza ingleza.

Convem notar, porem, que a forma politica, determinando evoluções poeticas diversas, só affectou as composições relativas á vida publica.

Quanto ao drama que idealisa a vida privada, o movimento moderno o subtrahio a essa influencia, de modo a elle manifestar em toda parte mais originalidade.

D'ahi veio que então, como hoje, sendo quasi impossivel conciliar a admiração por Corneille e Schakspeare, todos poderiam bem apreciar Cervantes e Molière.

Emquanto o character de nossa sociabilidade não fôr bem pronunciado, a vida publica não pode ser bem idealisada na poesia, quer dramatica quer epica. O primeiro genero de composições só mais tarde veremos surgir. Relativamente ás composições epicas, tudo que se tem tentado nos revela o poder esthetico de seos auctores, mal comparado sempre pelos insuccessos suscitados pela situação transitoria da sociedade moderna.

No principio da phase que analysamos, a poesia juntou a idealisação da vida privada com a publica e esboçou a poesia historica, no *Orlando Furioso* de Ariosto.

Depois na *Jerusalem Liberata*, Tasso idealisou as cruzadas. Este poema ficou sempre inferior ao primeiro porque seo auctor

não preenchia as condições para bem apreciar as situações que cantou.

Isso podia só realizar-se depois que o methodo historico permittio o julgamento definitivo dos monotheismos catholico e islamico que se tratava de idealisar no mesmo poema. Ariosto, ao contrario, fundava seos quadros na cavallaria e na idade media, cuja influencia podia ser então mais sentida do que a islamica para o poeta catholico.

CARVALHO DE MENDONÇA.

TRISTESSES....

Je voudrais ne pouvoir plus aimer en ce monde;
Avoir un cœur de fer, une raison d'airain ;
Me rire, doucement, d'une affection profonde,
Considérant l'Amour comme un piège certain..
Car, aimer en cachette, aimer sans espérance,
Sans sentir l'Etre aimé troublé par vos aveux,
N'est-ce pas un martyr, une double souffrance
Que n'auraient même pas inventée, les Dieux ?
A quoi sert donc d'aimer, si Celle à qui l'on donne
Et son âme et son cœur, ne le sait même pas ?
C'est un nouveau chagrin auquel on s'abandonne
Et qui, tout lentement, vous conduit au trépas !
Si tu pouvais savoir, ô Belle que je chante,
Tous les trésors d'amour que j'ai cachés, pour toi,
Tu voudrais partager ce songe qui m'enchanté,
En connaître le charme et le vivre avec moi !

Coritiba, le 10 Juin 1895.

J. KEATING

ALMA PENITENTE

A meo Pae.

SYMPHONIA

Nuens no occaso em fogo. . Apotheose
Da illuminura esplendida do dia...
Destilla o ceo dolentadora dose,
Feita de pranto e de melancholia.

Ancenubios da tarde, desmaiados,
Volatilisam brandas côres mansas...
E vão surgindo os sonhos, facetados
Nos relicarios das Desesperanças.

E o Sol, morrendo, merencorio e louro,
Lentejoulava o negro sambenito
De minhas preces e meos sonhos de ouro
Mortos !...

—«Poeta, quem te fez proscripto ?

«Quem te cavou no peito essa ecchymose
Larga e profunda como cahos sem termo ?
...E vens beber dolentadora dose
Fitando o ceo despovoado e enfermo !...

«Poeta, eu sinto o que te vae no seio,
Sei que imagem procuras pelo espaço...
Doudo ! não sabes que baldado aneio !...
Almas de amantes nunca deixam traço !...»

Emtanto a noite, piedosamente,
Desenrolava numerosos nastro...
E, pelo azul, silenciosamente,
Surgia o olhar dulcissimo dos astros.

CANTO I

Nasci no caule azul de merencoria estrella,
Algida e perfumosa;
Languida e casta, languida e formosa,
Como não ha mais vel-a
Depois que a luz do amor se lhe extinguiu na alma,
Hoje tão fria e branca, hoje tão fria e calma.

Gerou-me um beijo ardente e lubrico e fatal
 Dos labios de Satan,
 E lagrima subtil, candida, angelical,
 De Eloá,—triste irman !...

Tantalizou-a o Amor, a Dor tantalizou-a...
E a misera innocente
Vio fechar-se-lhe o Ceo !... O Ceo repudiou-a
Despidosamente...

E a primeira explosão da colera divina
Crepisou a Amplidão ;
E a Noite appareceo sordida e viperina ;
Babujando de angustia a Crença e o Coração...

A Noite assignalou a lagrima primeira
 Que luzio no Infinito !...
 —Eloá, Eloá, quem te fez companheira
 Desse archanjo maldicto ?

Eloá, Eloá, as lagrimas perennes
Desbotam-te o semblante
Que fizeste, Eloá, para que te envenenes,
Pallida esposa, affectuosa amante ?
Que fizeste, innocente ?... Que fizeste,
Para que tenhas na alma o luto do cypreste ?

Poeta, a nostalgia de meo ninho,
A saudade de um sêr idolatrado
Cravou-me na alma penetrante espinho,
Sempre vibrante e sempre ensanguentado;
Nostalgia de filho, nostalgia
Da patria ausente e para sempre morta !...
Só comprehende esta melancholia
Quem ouve a Dor uivar-lhe junto á porta.

Só comprehende esta fatalidade
Quem já sentio benevolas caricias,
E teve psalmos de felicidade,
E dulçurosas, languidas blandicias ;
E, apoz gozar beneficas venturas,
E anjos beijar mimosos e celestes,
Foi resvalar por sobre sepulturas,
Tendo por lyra a lyra dos cyprestes.

A Poesia e o Amor fadaram-me no berço,
Fadaram-me no berço a Mágoa e a Solidão...
Atravessei, chorando, o caule do Universo,
Atravessei o Ceo monologando um verso ;
E na Terra encetei a minha expiação.

CANTO II

Aussi longtemps que les monts
s'appuieront sur leurs bases, et que
les fleuves poursuivront leur cours,
le *Ramayana* sera répété par la
bouche des hommes, et tant que
le *Ramayana* durera, mes mondes
infinis te serviront d'asyle.

Valmiki.

O' Sita, ó Sita, ó minha esposa,
O meo amor não finda nunca !
Que importa o insulto de uma lousa ?
Que importa,—ó nivea mariposa,—
Da chamma rubra a garra adunca ?
O' minha esposa, ó minha esposa,
O meo amor não finda nunca !

Depois da noite do sepulchro
A aurora brilha novamente.
Amor primeiro, ethereo e pulchro,
Gera na morte insigne fulcro,
Immaculado e alvinitente.
Que importa a noite do sepulchro,
Se a aurora brilha novamente ?

O ceo da India é sempre lindo,
Es sempre linda, ó flor do Gange !...
Fita o Hymalaia o Azul infindo,
Quando o luar vae reflectindo
A frialuz do ethereo alfange.
O' ceo da India, sempre lindo,
Perfuma a linda flor do Gange !

Inda a floresta primitiva
Conserva o sancto eremiterio
Poeta, eu sinto-a rediviva,
A minha casta sensitiva,
O meo amor, o meo psalterio.
Velha floresta primitiva,
Foste o meo sancto eremiterio.

Poeta, escuta a minha historia
E comprehende o meo Destino.
A encarnação é transitoria,
Seja a existencia merencoria
Ou seja um cantico divino.
Poeta, escuta a minha historia
E comprehende o meo Destino.

Houve, outrora, na India, uma nação de crentes,
Fanatizados pela Natureza :
Anachoretas sóbrios e videntes,
Sacerdotes de rara subtileza,
Iam buscar á solidão dos bosques
O occulto philtro da sabedoria,
E construíam tendas e kiosques
Lagrimados de melancholia.
Eu tinha em mim não sei que alma saudade,
Reminiscencias de passado morto ;
E não achava em toda a humanidade
Um só delicadissimo conforto.
Em sonho, ás vezes, junto a mim passava
Sancta formosa e purificadora ;
Logo, porem, que o somno terminava,
Eu sentia de novo a abrazadora
Dextra invisivel da Desolação,
Apontando-me o barbaro destino,
Ou desferindo accorde fescennino,
No almo alaude da Recordação.

Tinha uma alma de bardo e destino de asceta.
Para mim não luzia o phanal da Esperança...
Fui pedir á soidão uma harpa de poeta
E o relicario da Desesperança.

Desci o subterraneo da Tristura,
O corpo amortalhado
No sambenito dos anachoretas ;
Seguia-me de perto a Desventura,
Ladrindo as illusões de meo passado
Pela bocca de ferro das grilhetas.

Minha alma toxiquei de acerbo pranto,
A carne fustiguei de jejuns e supplicios ;
E a minha lyra adormecia ao canto,
Ciliciada pelos sacrificios.

Iniciei-me no mysterio
Dos rituaes do sacerdocio ;
Edifiquei meo presbyterio,
Feito de pranto e de divorcio..
Do divorcio fatal de vate e de proscripto,
Sempre maldicto !

Habitava a floresta. O ceo sereno,
Por noites estrelladas,
Como enorme zimborio de saphyra,
Tinha a caricia dulcida do threno
Que a floresta suspira
Quando passam as brisas ciciando
Nas franças orvalhadas,
E balouçando os ramos
N'uma dolencia mystica e selvagem.
As estrellas, no Azul, niveas, chorando,
Traçavam longos parallelogrammos.
Por vezes, o luar, entre a folhagem,
Coava brandas tintas luminosas,
Nos troncos do arvoredado desenhando
Exquisitas imagens vaporosas,
Phantasticas imagens.

Em uma dessas noites adoraveis,
—Talvez a mais serena,—
Rufiou-me na alma o beijo da phalena
Das sidereas crendices amoraveis...

Entrou-me o coração dolencia não sentida:
Subtil almejo vago
De percorrer de novo o dulçuroso lago
Dos mortos ideaes de minha vida.

E voz mysteriosa
Penetrou-me os ouvidos :
—«Canta, Valmiki, a excelsa Nebulosa,
Canta os affectos não prostituidos...
Canta o doce queixume do arvoredos,
Canta o luar silente e frio ;
Percorre as gammas do segredo
Do sacerdocio e do gentio.
Canta o divino amor de Rama,
Canta a meiguice e o olhar de Sita...
E que esse amor, que hoje te inflamma,
Pronúbe os sons de tua lyra.
E sê bemdita, e sê bemdita,
Alma que geme e que suspira !»

Poeta, a minha dextra era tão rude !...
Como ferir accordes graciosos ?
Como entoar, nas cordas do alaude,
Do amor de Rama os sempiternos gozos ?

Como cantar blandicias e sorrizos,
Se eu só vivia para a Desventura ;
E não pizara nunca os paraizos
Cheios de graça e cheios de ternura ?

Tomei nas mãos o lámure instrumento.
E, mal vibrara a minha pobre lyra,
A minha lyra suspirava ao vento,
Como alguém que padece e que suspira.

E, quando o olhar dulcissimo de Sita
Fitou-se em mim, como se um astro fôsse,
Senti que alma paixão, serena e doce,

Alma paixão que os corações consita,
Do seo olhar a meo olhar descia,
Fluidisante de amorosidade,
E que esse olhar de tanta suavidade,
Esse divino olhar que me sorria,
Era a promessa de uma eternidade,
Onde a nossa alma resplandeceria.

E, desde então, meo coração tristonho
Repete o psalmo do primeiro sonho :

O' Sita, ó Sita, ó minha esposa,
O meo amor não finda nunca !
Que importa o insulto de uma lousa ?
Que importa, —ó nivea mariposa, —
Da chamma rubra a garra adunca ?
O' minha esposa, ó minha esposa,
O meo amor não finda nunca !

Junho—1894.

DARIO VELLOZO.

LES JOUEURS

A DARIO VELLOZO.

Le geste halluciné, défaits par l'insomnie,
Les fronts fiévreux penchés sur le tapis crasseux
Qui éclairait louchement un vieux quinquet fumeux,
Ils attendaient du sort la suprême ironie

L'un souillait son honneur, l'autre jouait sa vie,
Et devant eux, ainsi qu'un maître dédaigneux,
Se tenait l'usurair, un petit juif hideux,
Présidant à ce duel de mort, d'ignominie.

Et le sort s'accomplit fatal dans son horreur.
Et lorsque au loin pointait une pâle lueur,
L'un d'entre eux se leva, venant de perdre encore,

Hagard, sombre, il fit feu du revolver puissant
E, sa tête roula dans des gerbes de sang,
Comme un royal salut de la Mort à l'Aurore !

JEAN ITIBERÉ

O PROGRESSO DAS EDADES

(FRAGMENTO DE UM LIVRO INEDITO).

O homem primitivo. — Civilização gradual da humanidade. — Descobertas archeologicas — A cruz como primeiro symbolo. — O mammuth e a renna, e as suas utilidades para o homem. — A epocha quaternaria. — A epocha da pedra. — As habitações lacustres. — A epocha do bronze. — Começo da civilização. — O Espiritualismo e o Espiritismo.

A geologia é o compendio que acompanha a vida da terra e descreve o progresso das edades, até ao ponto em que a historia não póde chegar.

A geologia é um enorme espelho, pelo qual podemos ver ir passando o homem em suas diversas escalas, sempre ascendentes.

Primeiro veremos, não o homem propriamente dito, mas simplesmente o *troglo-dyta* (habitante das cavernas); — depois o selvagem phenicio e persa, adoradores do fogo, d'onde data o desenvolvimento gradual da especie humana; — depois, muitos seculos depois da epocha quaternaria, desapparecido para sempre o mammuth, (*Elephas primogenius*) aniquilado o grande urso (*Ursus spelacus*) que cada vez mais interna-se, emigrando para paragens desconhecidas, viagens que, ajudadas pela mudança de clima o vae exterminando; — apparece o homem habitante das *cabanas* (casas de madeira, cobertas de capim ou couro) conhecedor do arco, manejador da clava e da lança de silex, armas com as quaes subjuga a renna, que lhe fornece as pelles para os seus vestuarios, — a carne de que se alimenta e o chifre que, para elle, era do mesmo valor intrinseco que tem para nós o ferro. A agricultura revelou-se-lhe tambem n'essa epocha, pois que os contemporaneos da epocha quaternaria cultivavam os cereaes, provam-no as descobertas archeologicas das cavernas do Ariège, nas quaes Garrigau e Filhól encontraram algumas mós que reportam-se a essa idade. Em alguns lagos da Suissa, outr'ora sitios de habitações lacustres, fizeram-se tambem preciosas descobertas nesse genero.

As denominadas *Cavernas osseas* têm fornecido os maiores cabedaes á sciencia, que as têm examinado minuciosamente, e as maiores revelações d'ellas tem obtido, para prova de que a agricultura foi cultivada da epocha quaternaria á esta parte.

No Languedoc e nos Pyrenêos, em França, existem *cavernas osseas* já exploradas, e nas quaes preciosas descobertas tem-se feito. No Brazil foi estudada a situada proximo á Lagôa do Sumidouro. Em Portugal ha varias cavernas d'essa natureza. A

Suissa, a esse respeito, póde ser chamada — o *escriinio da geologia*.

—

Mais tarde, na epocha da pedra polida, morou o homem nas chamadas *habitações lacustres*, que eram casas de madeira suspensas em estacas, sobre os lagos, cobertas de argila umas, outras de madeira ou capim.

O morador dellas dedicava-se quasi que exclusivamente á pesca, e para o exercicio desse seo modo de vida fabricava redes de canhamo, anzoos de osso, e construia canôas. Nos soalhos das *cabanas lacustres* existiam alcapões, e eram em tal quantidade os peixes existentes nos lagos sobre os quaes as construíam, que, segundo Herodoto aos peonianos, bastava descerem por elles cestas de vime, para que, pouco depois, as retirassem cheias de peixe.

—

Mais tarde ainda, na *epocha do bronze*, foi que o homem attingio ao inicio do progresso humano. A' agricultura entregou elle quasi toda a sua actividade; inventou fundições e n'ellas fabricou armas e instrumentos agricolas. O vidro e o tecido foram inventados tambem, e os vasos de pedra e madeira, dos quaes se serviam para diversos misteres da vida, foram substituidos por outros de barro cozido, que elles procuraram aperfeiçoar o quanto possivel. Os adornos começaram então a ornar a vaidade humana, e para isso o bronze e os chifres de renna prestaram os mais preciosos cabedaes. Nesta epocha, segundo alguns historiadores, já os habitantes da Suissa permutavam objectos com outros povos.

Os homens dessa epocha levavam em grande estimação as flôres, o que já demonstra algum aperfeiçoamento moral. O desenho e a esculptura tambem foram desenvolvidos n'essa epocha. Dizem alguns historiadores e geologos, inclusive Mortillet e Figuier, que a cruz revelou-se então um dos mais usados relevos. O que todos elles concordam tambem, é que os contemporaneos da epocha do bronze possuíam em grande somma o sentimento religioso. Entretanto, apesar d'essas todas innovações e do progresso que manifestaram os homens d'essa idade; apesar das descobertas que a *epocha do bronze* forneceo á humanidade, os archeologos e naturalistas são, quasi todos, de opinião que a conformação do craneo dos homens de então é, em tudo, uniforme a do dos homens das edades anteriores, com o que pretendem elles provar o seo atrazo intellectual.

Agora, que trouxeamos o homem dos tempos pre-historicos até a epocha em que a historia, recolhendo os seos feitos, os narra com precisão de datas e munida de outros documentos que não os fornecidos pela descobertas geologicas ; — procurando atravez das camadas dos tempos, que se amontoam infinitamente pela existencia do mundo afora, — vamos acompanhar os factos Espiritas remontando-se e revelando-se com elles.

E' muito de notar-se que o homem primitivo, guiando-se quasi que exclusivamente pelo instincto, trouxesse sempre gravada no coração a lembrança de um creador para tudo o que via, a idea de que tinha uma alma, e a segurançada sua immortalidade ! . . .

Construia sepulchros para os seos mortos e levava em grande conta o respeito por elles. O homem da epocha do mammuth, quasi tão irracional quanto elle, sentio sempre uma instinctiva veneração pelos cadaveres de seos irmãos ; recommendou-os sempre á clemencia de um sêr superior a elle ; sempre preservou-os da ferocidade dos animaes !

E como não vêr em tudo isto um facto Espirita ! . . . Encontrar ahi o simples espiritualismo, não ; porque o homem, no estado em que elle se achava, havia de absolutamente, esquecer as incertezas da reflexão nos diversos affazeres da herculea luta que era obrigado a sustentar contra os elementos da natureza, — contra as feras, — contra os seos contemporaneos, — contra si proprios !

O Espirita vê na marcha evolutiva do progresso humano, a clemencia de Deos e os esforços dos bons espiritos encarregando-se de encaminhar o homem no caminho recto do avanço espiritual.

Por si só, sôlto como qualquer animal nos pampas immensos da Terra ; nas mattas seculares onde os cedros enfileiram-se phantasticos e solennes ao mesmo tempo ; extatico ante as cordilheiras a estenderem-se còr do céo na linha do horisonte ; — ouvindo o estrépito das cascatas despenhadas ao impulso de enormes alturas em abysmos que apavoram ; — uma cupula sem fim, azul e ouro, circumscrevendo o seo pensamento na terra como a dizer-lhe : — « Ahi, onde te achas, poderás comprehender o que de vós se occulta » ; — o homem, o *bruto predestinado*, poderia, sem auxilio espiritual, avaliar a grandeza da sua criação ? ! . . .

ROMARIO MARTINS.

MISSA NEGRA

La douleur est le fond de la vie humaine.

LAMENNAIS

2 — *Oh se minha magoa rectamente se pesasse*

3 — *Porque na verdade, mais pesada seria que a areia
dos mares.*

JOB (Cap. VI.)

— Foi um sonho talvez, foi talvez uma febre ;
Mas passou a nevrose e a loucura em meo craneo.
Da minha ultima fé no mizero casebre
O Sonho foi rezar como n'um subteraneo.

E o monge dialogava aos astros do infinito,
Que tinham o fulgor de lagrimas suspensas ;
Elle era como um Christo em um Sahara maldito,
Banido com a cruz da cathedral das crenças.

Foi um sonho talvez, continuava o monge,
Sonho da minha febre, a dor não mais me estancas !
Dolentadoramente o rude bronze, ao longe,
Annunciava a prece ; as puras almas brancas

Que tem o coração de crystal e de beijos
Repletavam o templo, e, agrupando-se no adro,
Numa alleluia azul de preces e desejos
Das imagens da fé completavam o quadro.

O côro entoava, a espaço, um canto de tristezas,
E o organ parecia um coração chorando ;
Bruxoleavam no altar tristes velas accezas,
E a prece ia, a gemer, de alma em alma echoando.

Foi um sonho talvez, porem a vi, me lembro,
Na luz ethereal em que este amor a eleva :
Branca, não a animara o calor de Dezembro
Que incendeia meo peito e sangra a minha treva.

E tinha o mesmo olhar ; o antigo plenilunio
Que me embalou cantando em redes de velludo.
Vida, como es fatal ! O' Dor, quanto infortunio
Ao ver tudo perdido e para sempre . . . tudo !

Porque a existencia humana em lagrimas se funde ?
Para que tanta dor que expressal-a não ouso ?
Nascemos a chorar e o respeito que infunde
O sepulchro annuncia o primeiro repouso.

O anachoreta a sós, como uma estatua viva,
Proseguia elevando, em rubra hostia chimerica,
A mulher que continha a sua alma captiva,
No doudo mysticismo atro de monja histerica.

Hora do occaso em sombra e o ceo de astros asperso.
A treva é a dor da Luz ; n' essa hora o riso dorme.
A noite penetrava o silente universo,
Como n' um craneo immenso uma loucura enorme.

E a loucura da Treva, e a loucura do Sonho,
Que na noite é abantesma e na dor verte sangue,
Sinto-as todas em mim, n' um delirio medonho,
A do Sonho me abraza e a da Treva me intangue.

E esse vulto de carne, e essa carne que adoro,
Por conter como um nicho a madona de uma alma,
Apparece-me ideal quando aos astros imploro
Esta vida que mata, esta morte que ensalma.

E vejo-a, como a vi no mysterio da prece :
A's espaduas e ao seio um corpete de luto
Encobre e, da cintura aos pés, singela desce
Branca veste ; e o rumor dos seos passos escuto.

Cheia do olhar de Deos, ella os cantos ouvia,
Com o fervor com que eu lhe oscularia as tranças ;
E o incenso ia perder-se alem, como a agonia
Do longo funeral das minhas esperanças.

Dolentadoro côro a prece preludiava,
Como na austera torre o muezim do Oriente ;
E o Missal que eu abria era a alma onde chorava
Por crença a Dôr, por ceo uma cova inda quente.

O sacramento da Fé, no meo triste oratorio,
Não m'o deo o calvario ingreme do tormento ;
E no humano ritual cada dia é um ciborio
Em que de joelhos ponho a hostia de um soffrimento.

Findou a cerimonia. Os crentes saem orando.
Em cada olhar o riso e a paz das alvoradas.
E eu sahi como Job, contra o ceo blasphemando,
Com sanie na razão, com as fibras chagadas.

O Christo macilento e funebre da egreja,
De pés chaguentos, mãos crispadas, olhar morto,
Traduzia-me a dôr que o meo fado poreja
E tinha, como eu tenho, a fronte em desconforto.

Nem o templo da Paz, o meo supplicio alquebra,
Porque abriga tambem, a par do sancto fulcro,
A Missa Negra alvar que a existencia celebra
Dos arminhos do berço ao crepe do sepulchro.

Por toda parte sinto, em lugubre exagero,
O fundo mal secreto atroz que, funerario,
Do monge que ama faz poeta do desespero,
E do poeta que soffre um monge solitario.

2 — 1895

(Das *Selvagens*.)

SILVEIRA NETTO



GALERIA PARANAENSE

VIVOS

I

EMILIANO PERNETTA

E' uma aguia que forceja para rastejar com as gallinhas. Abandona as cristas das cordilheiras mais altas para espanejar pelos valles o vôo rapido e raso das aves que não pôdem fitar o sol. Mas, lá em cima, roçando as nuvens, equilibrado na envergadura ferrea de azas desdobradas serenamente, ou cá em baixo, entre os lyrios dos valledos, adejando pelos roseirae aromados, aninhando-se nas moitas tufadas das violetas, elle é o poeta—ora doce, ora grande, ora terno, ora viril, mas sempre o mesmo espirito apaixonado e commovido, vibrando intensamente por entre as Illusões desabadas, os Amores mortos, o Occaso das Saudades, as Tristezas em flor...

Para saudar o apparecimento de seo livro—as *Muzicas*—ao envez daquella frieza calculada, filha do egoismo e da inveja, devia se ter formado uma orquestração harmonica de almas delicadas para repetil-o inteiro, estrophe a estrophe; até que de todo ficasse gravado nellas como os queixumes de Job na eternidade fria das pedras.

Para mim, Emiliano tem versos que assumem aos meos olhos a fórmula extranha e extravagante de uma alma epileptica, dissorando angustias, espumando dores, sangrando torturas, em contorsões horriveis...

Que rumo, que orientação terá tomado aquella alma contemplativa e doce, em boa hora roubada á rua do Ouvidor, em meio a secular e communicativa placidez da gloriosa terra de Bernardo Guimarães ?

A alegria é a saude do corpo; a tristeza é a saude da alma. Tristeza... não esse sentimento hybrido do abatimento derivado de um negocio mal succedido, de uma ambição material não satisfeita. Tristes, profundamente tristes, divinamente tristes, embora rindo

com os risos de todos, tristes como a superficie de um lago, tristes como a hora do crepusculo na immensidade do oceano ou na estreiteza de uma estrada solitaria, tristes como a propria alegria dos artistas, só podem ser os emocionados e os justos. Não se confunda o egoismo, sentimento baixo, com a tristeza, noiva do céu, daquelles que juntam ás suas, milhares de longas e obscuras dores...

Emiliano! como eu te adoro! como eu comprehendo a tua alma! como os teos versos me consolam!

Vamos, juntos, recitar este soneto, meo velho amigo, meo amado artista:

MUZICA INTIMA

Não sentisse eu a par desta tristeza,
Da espessa bruma de melancholia,
Que na minha alma se derrama e pesa,
Um fundo de doçura e de harmonia ;

Não fosse ao lado meo, quando a aspereza
Rude de steppes atravesso, o guia
Que me conduz como uma estrella accesa,
Que faz da noite horrenda um claro dia ;

Hymno não desse o fundo da miseria,
Não se tornasse o horror em canto aberto,
Em muzica santissima e aérea !

E eu não sei se vencera-te, perdida,
Torrida areia, asperrimo deserto,
Infinito deserto desta vida !

Ah! é um peccado que esta *Muzica intima*, que te sahio do fundo da alma como uma lagrima e como um consolo, meo querido e suggestivo Poeta, não corra todos os labios de mulheres delicadas com aquella uncção religiosa com que ellas dirigem suas orações a Deos !

II

EMILIO DE MENEZES

Este Poeta, Satan divino, que tem na lingua toda a perfidia humana e que tem na alma toda a doçura do céu, é um torturado e um glorioso.

Dentro das quatorze linhas dos seos adoraveis e admiraveis sonetos, estortega um coração ralado de Duvidas, uma alma torturada pela desconfiança do seo valor proprio. Dahi o seo maior elogio. Esses sonetos são uma prisão de ouro, do fundo da qual irrompem rugidos de leão, arrulhos de pomba, torrentes de lagrimas...

Pela correcção impecavel da Forma, pelos seos largos versos triumphaes e vibrantes, Emilio nos faz lembrar o grande Heredia. Como a daquelle Mestre, a sua Musa não é fecunda; mas por isso mesmo os seos versos têm o perfume delicado e exquisito das flores raras.

Quanto a mim, digo-o sem rebufos, julgar-me-ia honrado assignando aquella deliciosa *planquette* da *Marcha Funebre*. E assignal-a-ia de preferencia á obra completa e volumosa da quasi totalidade dos poetas brasileiros vivos.

Ainda uma vez este synthetico *Germinal*, bastante por si para firmar a reputação de um artista!

GERMINAL

Passou. A vida é assim: — é o temporal que chega,
Ruge, esbraveja e passa, echoando, serra á serra,
No furioso raivar da indomita refrega,
Que as montanhas abala e os troncos desenterra.

Mas o pranto, afinal, que essa colera encerra,
Tomba: é a chuva que cahe e que a planicie rega;
E a cada gotta, alli, cada germen se apegas
Fecundando a minar toda a alagada terra.

Tambem o coração, do convulsivo aperto
Da dôr e das paixões, das angustias supremas,
Sente-se livre apoz, a um grande choro aberto.

Alma! já que não é mister que anciosa gemas,
Alma! fecunda emfim nas lagrimas que verto,
Possas tu germinar e florescer em Poemas!

E, agora, esperemos pelas *Hypogéas*, por todos os mysteriosos *Poemas da Morte*, e pela magistral traducção do assombroso *Corvo* de Edgar Pöe.

LEONCIO CORREIA

FESTAS E TRADIÇÕES

Recordar as nossas *Festas e tradições* populares que vão soturnamente desaparecendo, amortalhadas pela indiferença de alguns e pelo convencionalismo pedante da civilização importada, é exaltar velhos costumes verdadeiramente brasileiros, ainda não maculados pelo importuno bafejo das manufacturas estrangeiras ; é folhear, pagina por pagina, o sacratissimo misal, onde avulta tudo quanto um povo tem de mais nobre, de mais veneravel.

A Mello Moraes Filho devemos o não olvidamento completo dos nossos costumes. Elle os tem perpetuado em todas as suas obras, tem sido o bandeirante devotado em relembrar a Patria «que vae esquecendo o seo passado, perdendo o seo caracter nativo, olvidando as suas lendas, os seos costumes, as suas festas, mascarando a physionomia tão singela e prazenteira na sua originalidade, com os europeis de umas estrangeirices importunas.» (1)

Mello Moraes, na sua notavel obra *Festas e Tradições populares do Brazil*, descreve caracteristicamente os costumes do norte, com muita originalidade e elegancia de estylo.

Na descripção do *casamento na roça* (no Rio de Janeiro) o auctor nos revela epizodios interessantes, n'uma hilaridade constante de alvoroço, mostrando-nos vivamente os noivos quando voltam da egreja, acompanhados da comitiva dos convidados, e um *tocador de viola sapateando, na rua, retorcendo-se em momices, antepondo-se aos noivos acanhados* e cantando com malicia e requebros expressivos :

«Tyranna, minha tyranna,
Tyranna de lá de baixo,
Você vai cortar bananas,
Queira me trazer um cacho.

Tyranna, minha tyranna,
Ai ! tyranna de Yrajá !
Aquillo que nós falamos
Tomara que fosse já. »

(1) Sylvio Romero.

Os costumes paranaenses, em alguns pontos se identificam com os do norte ; em outros differem em tudo.

O nosso casamento na roça, por exemplo, é muito diverso.

A obra de Mello Moraes Filho satisfaz vantajosamente a nossa expectativa.

Ha em todas as paginas o fervor religioso do patriotismo envolto nas dobras de saudade pungente.

A descripção das festas do 2 de Julho na Bahia, *quando este paiz tinha o ideal da patria e combatia pela liberdade*, é divina, é verdadeiramente brasileira.

Eu tenho veneração por esse illustre escriptor que tem por sanctuario das suas devoções litterarias a evangelica imagem das tradições da sua patria.

Hoje, principalmente, que seguimos as pegadas da litteratura europea, atoxando o nosso espirito de um scepticismo todo reflectido das paginas ironicas de Byron, que vivemos saturados n'esta atmosphaera de um convencionalismo improprio, — a obra de Mello Moraes Filho veio como que nos descortinar novos horizontes, mostrando a nossa vida primitiva, de uma rusticidade mystica, pelo prisma gracioso das paginas de nossas tradições.

A descripção das festas do dia 7 de Setembro é um grito de afflicção que irrompe dos tumulos dos *patriotas mortos, que, no dia de hoje, tortura a consciencia bastarda de seos filhos, que esquecem as suas tradições e entregam ao estrangeiro as terras da patria*.

Como é fria e implacavel a vingança dos mortos...

Mello Moraes, em o *Navio Negreiro*, em traços vigorosos e emocionantes, nos apresenta o quadro nitido do trafico da escravidão, — sarcasmo putrido que por muito tempo foi o peza-dello horroroso e perfido dos sonhos desta pobre patria.

Elle nos mostra que *n'aquellas paragens a calma encontra á noite o capitão extendido á sombra da verga, os marinheiros dormindo nos escaleres suspensos, enquanto que no porão, com as vigias abertas, a peste e o contagio visitavam a deshora a escravatura que se suffocava á podridão e ao calor*.

E' todo elle um quadro verdadeiramente doloroso que a sensibilidade granitica dos corações piratas não comprehendendo nunca.

Quando uma epidemia se declarou a bordo, *a mando do capitão os marinheiros desceram rapidos ao porão, e quando reapareceram os primeiros, uma fileira de cegos, nús e cambaleantes, exanifrados e tacteando as trevas, crescia vagarosa do fun-*

do da galera, conduzindo as mães os filhos ao collo e pelo braço magro de esqueletos.

Extendidos em linha, á direita e á esquerda, com o rosto voltado para o oceano, os olhos dos escravos, acostumados ás torrentes de fogo do sol de seos desertos, permaneciam parados e cobertos de um véo opaco e ensanguentado.

E o capitão dirigia as manobras, aos gemidos das victimas na ignorancia do seo destino.

A semilhança de um punhado de pedras preciosas, os olhares dos negros scintillavam á luz do crepusculo nos incendios do occidente.

E a officialidade e os tripolantes, esperando a voz de «carga ao mar» dispunham-se a assistir ao epilogo da tragedia negreira no apogêo de sua crueldade e de seos horrores.

E, pela amurada aberta, ao latego infernal do azorrague, todas aquellas victimas da inclemencia humana se precipitavam no abysmo hiantes do mar.

Depois a immensidade retumbava ao alarido dos cegos no balanço das vagas, dos gritos de misericordia e de blasfemia que escalavam o céu, do desespero da mãe-escrava, que suspendia nadando o filhinho nos braços...

E para contrastar com esta scena atterradora e maldita, o navio negreiro, como um bandido, esgueirava-se silencioso, perdendo-se funebre no oceano e na noite.

Paginas como esta, e como todas as d'esta obra, coloridas na verdade tradicional dos factos perdurarão eternamente; porque são paginas que assignalam, umas a ambição perfida e torpe da dynastia portugueza; outras a sinceridade angelica da alma brazileira na simplicidade primitiva, sem as refrações phantasticas dos anemicos preconceitos da civilisação que importamos, adulterando as nossas Festas e tradições populares.

JULIO PERNETTA.

LETHARGIA DE UM SONHO

De mulher uma sombra sempre amada
Segue meos passos e commigo habita ;
Se curvo minha fronte, — torturada
Ella me aponta a abobada infinita.

A' noite, quando a insomnia me regela,
E em vão, no leito, adormecer procuro,
Surgir a vejo vaporosa e bella
Das ecchymoses tremulas do escuro.

Se lhe pergunto, desvairado e louco :
— Porque me segues tu como um remorso ?
Chorando ella se apaga pouco a pouco,
Rompendo a treva com fatal esforço !

E se murmuro a dolorosa prece
Das minhas magoas e dos meos pezares,
Ella sorrindo, meiga reapparece,
Illuminada pelos meos olhares.

Ás vezes me revolto e fico afflicto . . .
A noite avança sem chegar ao termo . . .
E como um verme tetrico e maldito,
Ouço bater o coração enfermo.

Do meo amor immaculado e santo,
Nesse momento, o relicario ardente
Abro, volvendo ao meo passado encanto,
E falo á imagem, religiosamente :

— Ó sombra eterna desse amor de outr'ora,
Que triste angustia... que tortura incrível!...
Deixa minha alma despertar agora,
Deste lethargo barbaro e terrível!

Leva contigo a dor que me cinéra,
Que vive sobre mim sempre grasnando!
— Porque eu hei de soffrer na primavera,
Entre outros corações que andam cantando?!

Não martyrises quem não tem conforto!
Quem tanto amou e novo amor mendiga!...
— Porque reanimas esse affecto morto?!
Porque despertas essa dor antiga?!

ANTONIO BRAGA



RESPIGAS

2—ESCORÇO BIOGRAPHICO do Dr. *Alfredo Ellis*, por *Libero Braga*. 1.º Volume.—Papellaria Guarany, S. Paulo, 1894.

E' um livro escripto proficientemente por um « ardente e sincero admirador de um varão illustre, o qual, graças aos seus esforços, talento e virtudes, tem-se elevado com invejavel brilhantismo no espirito de todos aquelles que sabem avaliar quão poderosa é a sympathia que sempre inspiram as excellentes qualidades ».

Estylo fluente e castiço, tendo por vezes a grandiosa opulencia das paginas de Michelet e o soberbo colorido de Chateaubriand.

Não é um trabalho de analyse requintada, nos moldes dos de Paul Bourget, Moniz Barreto e Silva Gayo, de Sylyio Romero e Araripe Junior; é uma exposição circumstanciada e criteriosa dos factores heterogeneos que hão concorrido para dar ao Dr. Alfredo Ellis a tempera que o caracteriza.

3—O SUL, por *Domingos Nascimento*, Typographia d'A Republica — Coritiba, 1895.

Elegante opusculo, acompanhado do retrato do Dr. Julio de Castilhos. O auctor explica as causas da lucta e discute a pacificação do Estado do Rio Grande do Sul.

4—TRAÇOS BIOGRAPHICOS DE JOSÉ LOURENÇO SCHLEDER, — Não traz nome de auctor. Typographia da Companhia Impressora Paranaense — Coritiba, 1895.

É um trabalho simples e concizo. Começa por um panegirico que realça as qualidades civicas, moraes e particulares do byographado, sacrificado nas circumstancias anormaes do lutuoso periodo que atravessámos. Traz, na ultima parte, documentos comprobatorios, enumerados em ordem.

Não é um trabalho litterario, nem verdadeiramente byographico.

Collaboradores :

Alfredo Munhoz—Dr. Azevedo Macedo—Dr. Carvalho de
Mendonça — Dr. Claudino dos Santos—Dr. Costa Carvalho—
Custodio Raposo—Dr. Camillo Vanzolini—Domingos Nas-
cimento—Ernesto Luiz de Oliveira—Emiliano Per-
netta—Emilio de Menezes—Dr. Francisco Gonçalves Junior—
Dr. Franco Grillo—João Itiberê—João Keating—Dr. João
Pereira Lagos—Dr. Justiniano de Mello—
Leoncio Correia—Luiz D. Cleve—Padre Alberto Gonçalves—
Romario Martins—Rocha Pombo—Sancta Rita—Sera-
pião do Nascimento—Dr. Saldanha Sobrinho—
Dr. Trajano Joaquim dos Reis—Dr. Vicente
Machado—Dr. Victor do Amaral.

Directores :

Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

EXPEDIENTE

O Cenaculo acceita com prazer a collaboração dos estudiosos
honestos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para
a rua **Silva Jardim, n. 108.**

E' agente, n'esta Capital, o Sr. Annibal Requião — **Livraria
Economica**—Rua Quinze de Novembro, n. 67

Não ha assignaturas.

Preço do fasciculo : 1\$000